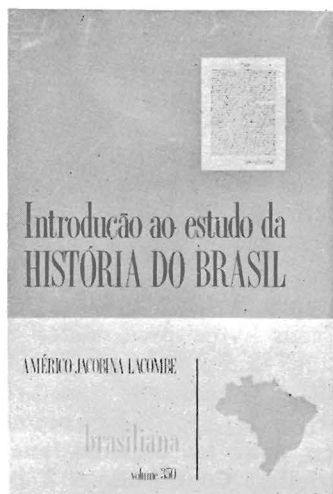


Introdução ao estudo da História do Brasil

Por Américo Jacobina Lacombe. São Paulo, Comp. Editora Nacional, 1974. 208p. (Col. Brasileira, n. 350)



A inexistência de guias e de boas bibliografias sobre o Brasil é uma realidade negativa, que prejudica o conhecimento de nossos problemas e dificulta sobremaneira a abordagem de nossa história. Assim, a maior parte dos estudiosos ou iniciantes defrontam-se com empecilhos de difícil superação, o que os leva, comumente, a desconhecer o material ou os instrumentos existentes. O resultado é um contínuo esforço individual, em que as conclusões se apresentam grandemente ímpares, porque boa parte dos trabalhos se canaliza para o levantamento do material existente.

As biografias gerais e particulares são parcas e, na maioria, esgotadas. Com tiragens restritas e publicadas em revistas provincianas de difícil acesso ou, em outras vezes, em livros de editoras efêmeras, elas são na maior parte das vezes desconhecidas. É caso raro uma publicação dessas merecer reedição: a não ser, por exemplo o livro de um Nelson Werneck Sodré (**O que se deve ler para conhecer o Brasil**. 4. ed., Civilização Brasileira, 1973.) ou o de Sacramento Blake — **Dicionário bibliográfico brasileiro**, que foi reeditado pelo Governo fede-

ral, após 70 anos da edição original.

O livro de Américo Jacobina Lacombe não é uma bibliografia, nem pretende ser um guia crítico de nossa história. É simplesmente uma **introdução** à nossa história, isto é, um levantamento das fontes, centros de atividades e de ensino que possam ser utilizados por qualquer um de nós. Sem ser ambicioso e negativo, ele é uma enumeração precisa sobre vários aspectos ligados ao estudo e compreensão do pensamento histórico nacional.

A obra divide-se em sete partes e uma conclusão, assim descritas: Fontes históricas, Setores da história, Disciplinas auxiliares, Elaboração da história do Brasil, Centros de atividade histórica, Ensino de história e historiografia brasileira.

Na parte sobre Fontes históricas, o autor começa explicando a intenção primeira do professor ou orientador: "O sentimento inicial que o professor de História deve despertar aos alunos é o de respeito pela matéria, considerada como ciência. Nada poderá concorrer mais para isso do que ir desfazendo a noção de que a história não passa de um relato que lhes é imposto em nome de uma sociedade em que eles não incorporaram. Seria de toda vantagem que eles tivessem, logo que possível, a noção da complexidade da elaboração da história, da crítica objetiva e da participação que poderão trazer à história. Para isso nada melhor do que entrarem logo em contato com alguns textos." Assim o **testemunho** pessoal (cartas, diários etc.) é parte integrante que se denomina **documento** ("exame dos testemunhos reduzido a escrito"), "material de trabalho por excelência"; por sua vez, o estudo da história local perfaz-se com a **heurística**, "coordenação das fontes" em geral. É por isto que o autor enumera as possíveis fontes locais e gerais, indo por exemplo do **Diário** de André Rebouças aos conteúdos de **Torre de Tombo**, **Arquivo Histórico Ultramarino**, **Biblioteca Nacional** e outros.

Na parte relativa aos Setores da história estuda a **periodização**,

a **história regional**, a **biografia**, as **memórias**, **correspondência**, **diários** e a **genealogia**. Em cada um destes itens apresenta conceitos e dá uma bibliografia brasileira. O mesmo faz com as Disciplinas auxiliares, quando fala da paleografia, filologia, diplomática, etc.

Apesar de tratarem de problemas distintos, os capítulos 4 e 7 completam-se: Elaboração da história do Brasil e Historiografia brasileira.

Ao falar dos primeiros cronistas, o autor mostra a sua valiosa contribuição dizendo que, a "História Brasileira foi elaborada lentamente, através dos esforços contínuos de escritores, visitantes, cronistas e entidades coletivas, tanto brasileiras quanto portuguesas". Particularmente existiram cronistas oficiais entre nós, mas por várias razões os seus trabalhos não tiveram importância primordial; cabem aos cronistas particulares — leigos e jesuítas — uma ação mais duradoura, fato exemplificado pelas obras de Pero de Magalhães Gandavo, Fernão Cardim, Gabriel Soares de Souza, Rocha Pita, etc.

Porém, é a partir do século XIX que se inicia o verdadeiro estudo da história, principalmente com Adolfo Varnhagen e sua **História geral do Brasil**. Varnhagen anuncia o grande momento de nossa historiografia, mas é antecedido por autores que não podem ser esquecidos, como os casos de Robert Southey (**História do Brasil**), Monsenhor Pizarro (**Memórias históricas do Rio de Janeiro**), Visconde de São Leopoldo (**Anaes da província de São Pedro**), etc. São Varnhagen e seus discípulos, entretanto, que representam a corrente mais valiosa para o conhecimento de nossa realidade. Capistrano de Abreu é o grande momento de continuidade desta escola e, através de seus livros e discípulos, tivemos a elaboração de novas obras básicas (Afonso de Taunay, Helio Viana).

Nos capítulos sobre Ensino de história e Centros de atividades históricas temos o levantamento preciso das atividades privadas e públicas que contribuíram para a fixação do pensamento históri-

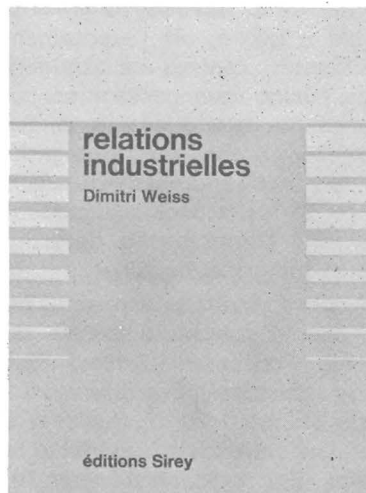
co: o autor mostra os papéis da Academia Real de História (1720), da Academia dos Esquecidos (1724), os Institutos Histórico e Biográfico Brasileiro (1838), da Academia Brasileira de Letras (1896) e vai até os atuais Congressos de História e Colóquios Luso-brasileiros. Das atividades privadas ele passa ao ensino público, mostrando a ação do Estado durante a Colônia, Império e República. Os maiores apresentados mostram a continuidade de ambos, apesar do caráter e finalidade distintas de cada uma delas, no espaço e no tempo.

Assim, a obra de Américo Jacobina Lacombe é excelente guia para os iniciantes e os estudiosos da história do Brasil. Além de apresentar caminhos seguros de serem percorridos, a obra é também uma introdução bibliográfica geral e particular da nossa história. □

Edgard Carone

Relations industrielles

Por Dimitri Weiss. 1. ed., Paris, Sirey, 1973. 334 p., formato 18 x 22,5 cm brochura.



O tema Relações industriais, tratado pelo Prof. Dimitri Weiss, tem os países do Mercado Comum Europeu por quadro amplo de referência, com ênfase na experiência francesa e citações em relação aos Estados Unidos e Japão.

O autor divide o livro em quatro partes: Relações industriais, Conflitos na sociedade industrial, Negociações coletivas e **Partners** sociais, Transnacionalização das relações industriais.

Na primeira parte, após um breve histórico das diferentes conotações atribuídas à expressão "relações industriais", termina por optar por seu caráter interdisciplinar, envolvendo ciências do comportamento, administração, economia e direito do trabalho.

Em uma abordagem teórico-prática, o autor desenvolve as duas partes subseqüentes, analisando as diferentes modalidades de conflitos e negociações coletivas, no contexto multidisciplinar em que se propôs desenvolver o tema.

A quarta parte trata dos diversos mecanismos de participação, co-participação, co-administração e **co-surveillance** desenvolvidos pelos países do Mercado Comum Europeu e o papel de transnacio-

nalização exercido pelas empresas multinacionais.

Este último tema também é utilizado na conclusão do livro, para colocar a problemática das empresas multinacionais na elaboração e aplicação de políticas de relações industriais a níveis nacionais.

O livro contém amplas referências bibliográficas e anexos de legislação. A consulta por assuntos é facilitada por um índice alfabético analítico. Pela amplitude do tema e seu enfoque multidisciplinar, o livro é indicado para estudos de sistemas comparados.

O autor considera útil a leitura dos seus livros precedentes para melhor compreensão do livro atual: **Communication et presse d'entreprise**, 1971; **La communication dans les organisations industrielles; Contributions à l'étude de la presse d'entreprise et essai de bibliographie**, 1971, ambos da Editora Sirey, e **Les relations du travail: employeurs, personnel, syndicats, État**. 1972, da Editora Dunod. □

Ofélia de Lana Primus